

* *

“A ação nada vale sem a oração; a oração valoriza-se com o sacrifício”

Josemaría Escrivá, Caminho, n.º 81.

Escrevo para lhe comunicar uma graça obtida por intermédio do Servo de Deus Isidoro Zorzano Ledesma.

Quando eu estava estudando pré-vestibular encontrei entre as orações de minha mão uma dirigida a Isidoro Zorzano. Comecei a orar todas as noites pedindo a Deus, através do seu Servo, que me concedesse a graça de ser aprovada. Eu me tinha candidatado aos exames vestibulares de medicina da Universidade Católica e da Universidade Federal, e graças à intercessão de Isidoro ambos resultados foram favoráveis. Devo dizer-lhe também que não prometi nada em troca, a não ser conservar sempre essa devoção. Continuo rezando e pedindo ao nosso Bom Deus que glorifique Isidoro Zorzano Ledesma e gostaria de ser informada a respeito do andamento do seu processo de beatificação.

M.M.P. — Salvador — Ba.

* *

Estando a firma de meu pai à beira da falência, recorri à intercessão de Isidoro e ele me ajudou: em vez de ir à falência foi vendida.

N.J.P. — São Paulo — S.P.

* *

NOTÍCIAS DO PROCESSO

No dia 20 de julho de 1965, a Sagrada Congregação de Ritos examinou as relações dos Censores teólogos sobre os escritos do engenheiro argentino Isidoro Zorzano Ledesma. A causa de beatificação de Isidoro Zorzano, que se santificou procurando a perfeição cristã no mundo, em seu estado de simples cristão e no exercício do trabalho profissional, de acordo com o espírito do Opus Dei, iniciou-se em Madrid, em 1948. Com este ato da Santa Sé, encerra-se o processo diocesano para a beatificação.

A Rádio Vaticano, na nota biográfica lida nessa ocasião, fazia notar que Isidoro Zorzano era um simples leigo, um engenheiro que dedicou a vida ao exercício da sua tarefa, como qualquer outro engenheiro cristão.

O processo de beatificação de Isidoro Zorzano ajuda eficazmente a conhecer o que é o próprio âmago do espírito do Opus Dei: a possibilidade de chegar à santidade através das circunstâncias da vida diária. Isidoro foi um leigo, um simples fiel católico. Os restantes Servos e Servas de Deus, cujos escritos foram examinados pela Sagrada Congregação de Ritos no dia 20 de julho eram um bispo, dois sacerdotes seculares, quatro religiosos, uma religiosa e uma terciária franciscana.

Agradecemos os donativos que nos enviaram para o processo de beatificação:

| | |
|-------------------------|----|
| Anônimo São Paulo | 40 |
| N. F. — São Paulo | 50 |

Esta Folha é de distribuição gratuita. Rogamos aos nossos leitores nos enviem nomes de pessoas a quem possa interessar recebê-la. Publica-se com censura eclesiástica em português, alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

ISIDORO ZORZANO

Folha informativa sobre a vida e fama de santidade do servo de Deus Isidoro Zorzano, sócio do Opus Dei. Remete: Revmo. Dr. Manuel Corrêa, Av. Prof. Alfonso Bovero, 239, 01254 São Paulo - Capital.

ISIDORO ZORZANO



6

Isidoro Zorzano Ledesma nasceu em Buenos Aires a 13 de setembro de 1902. Pouco tempo depois, sua família mudou-se para a Espanha, e Isidoro fez os estudos secundários em Logroño. De 1920-27 estudou na Escola de Engenheiros (Politécnica), de Madri. A 24 de agosto de 1930 ingressou no Opus Dei, a Associação fundada por Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer em 2 de outubro de 1928. Uma vez terminados os estudos de engenharia, Isidoro prestou serviços na Sociedade Espanhola de Construções Navais, nos estaleiros de Matagorda (Cádiz), como chefe do material ferroviário. Depois, passou para Málaga, onde, desde 1928 e até 1936, trabalhou como engenheiro da Companhia de Estradas de Ferro Andaluzas. Ocupou aí, nas Oficinas Gerais da Companhia, o cargo de Inspetor de locomotivas e furgões. Entretanto, lecionava também Matemática e Eletrotécnica na Escola Industrial de Málaga. No ano escolar de 1934-35 foi nomeado Tesoureiro do Patronato local de Formação profissional de Málaga.

A partir de 1939 incumbiu-se da chefia do Departamento de Estudos de Material e Tração das Estradas de Ferro do Oeste e, uma vez unificadas as Estradas de Ferro espanholas, passou a ocupar o cargo de Chefe desse Departamento para toda a rede nacional, mantendo-se nessas funções até morrer.

Toda a vida de Isidoro foi de trabalho bem acabado e de escondido sacrifício; praticou com todos um fecundo apostolado, com seu exemplo, com sua doutrina clara e com a sua fé, em meio de grandes privações e dificuldades. Faleceu em 15 de Julho de 1943. Seus restos mortais repousam no Cemitério de Nossa Senhora da Almudena, em Madri.

Folha informativa sobre a vida e fama de santidade do servo de Deus Isidoro Zorzano, sócio do Opus Dei. São Paulo, Dezembro 1972.

Uma Vida Excepcional e Comuníssima (II)

Aquele “convém” era o termo que usava quando queria afirmar sua decisão. “Convém que eu sirva a Deus, à Igreja, a meus irmãos os homens, sendo fiel a minha vocação à Obra”. Deus não lhe pedia que abandonasse a profissão que exercia com tanto gosto; Deus tinha querido que ele fosse um bom engenheiro industrial e ele chegara a sê-lo; não estava, portanto, obrigado a esquecer tudo o que até esse momento fôra parte de sua existência, mas, pelo contrário, agora devia transformar isso mesmo num tesouro de perfeição.

Sua vida continuou sendo a mesma de sempre. Periodicamente recebia cartas do Fundador do Opus Dei e fazia breves viagens a Madri, que eram uma ocasião propícia para continuar aprofundando no conhecimento da Obra.

A atividade de Isidoro de 1930 a 1936 teve lugar em Málaga. Na estrada de ferro, na efervescência da inquietação operária, o engenheiro era

estimado pelos trabalhadores. Deste modo, tranquilo e sereno, submergia-se no ambiente proletário, considerando que era importante viver dentro da sociedade. Realizava as suas atividades livremente, com plena responsabilidade pessoal. “Somos gente comum”, dizia; “a verdadeira felicidade está em procurar as coisas simples, em sentir dentro de si a paz de ter trabalhado bem”.

Dizia estas coisas também aos moleques de rua que encontrava. Levava-os ao internato para rapazes abandonados do padre jesuíta Aricarda, servia-lhes à mesa, jogava futebol com eles. Não os levava em procissões, nem lhes obrigava a ajoelhar-se para rezar; mas quando lhes exortava a estudar ou trabalhar, a que deviam jogar futebol com correção, repetia energicamente: “Não serves, se não mudas”. Os rapazes não entendiam facilmente esta frase; Isidoro também não a entendera quando a ouvira por primeira vez, dita por Mons. Escri-

vá de Balaguer. No entanto, os rapazes compreendiam que tinham a obrigação de fazer as coisas bem feitas, conscientemente, e sentiam que algo crescia pouco a pouco nos seus corações, aproximando-os de Deus. O que ninguém entendia era como Isidoro conseguia tempo para tudo.

Em 1936 foi transferido para Madri, continuando o seu trabalho nas estradas de ferro. Pouco depois começou a guerra civil. Treze bispos, seis mil sacerdotes e igual número de religiosos e religiosas, bem como muitos fiéis foram assassinados, torturados e maltratados, mas Isidoro, como cidadão argentino, foi respeitado. Assim foi possível que ele continuasse o seu trabalho profissional e servisse de elo de união entre o Fundador e os sócios do Opus Dei que estavam dispersos, nas prisões, nos refúgios, na frente de batalha, exilados nas embaixadas. Para Isidoro não havia martírio, nem perseguição, nem nada de extraordinário: Deus o tinha colocado numa normalidade sem grandeza.

Ele compreendia que este era o plano de Deus: não devia abandonar seu trabalho nas estradas de ferro, do qual era responsável: era seu dever social. Quando tinha um pouco de tempo livre conseguia viveres para os necessitados; salvo-condutos para os fugitivos; levava a Eucaristia, graças a uma autorização especial, aos refúgios e aos quartéis de soldados recrutados obrigatoriamente pelo governo.

Quando terminou a guerra continuava em sua mesa de trabalho: a necessidade primordial era a recuperação do sistema de comunicações. As outras ocupações continuavam aumentando, e era preciso, além disso, pensar na reorganização da Obra. Poucos anos depois fariam parte da Obra pessoas de todas as raças e de todas as profissões, na América, na Europa, na Ásia e na África, cada uma com sua cultura e sua educação próprias.

A esta altura, depois de treze anos de intenso trabalho, Isidoro tinha podido desfrutar interiormente, por ter chegado — ele era alpinista — a um cume. Divisava um amplo campo a explorar, obras excelentes a cumprir, projetos a realizar. No entanto, em 1939 adoeceu. Parecia impossível, porque Isidoro, já próximo dos quarenta anos, era um homem sadio, robustecido pela vida ao ar livre e pelas escaladas.

Sempre tinha sido amável, alegre com todos, e

assim o foi também durante a doença. O suposto reumatismo, as agudas dores no tórax, na realidade eram uma linfogranulomatose maligna. O programa de Isidoro não muda: continua fazendo bem todas as coisas, suportando as dores, a insônia, as náuseas, a dispnéia. “Há muito tempo sabe que pode morrer de um momento para outro — comentam anos depois os médicos — e, no entanto, está tranqüilo; quando lhe dizemos que está melhor, agradece com um sorriso”.

“Convém — pensa Isidoro — obedecer ao Senhor, deixar tudo e ir embora aos quarenta anos, quando haveria ainda tantas coisas para fazer. É como fazer uma viagem, mudar de casa, ser levado de um lugar a outro. Ainda que seja só para obter essa paz na última hora, vale a pena fazer o pouco que devemos fazer pelo Senhor”. São suas últimas palavras.

Morre em 15 de Julho de 1943. Em Madri, na rua, há um sol reluzente como o daquela manhã de verão na qual encontrara seu amigo Escrivá de Balaguer e, com ele, o Opus Dei.

Aos 22 anos da sua morte, a Santa Sé, tão rigorosa nesta matéria, fez dar-se um passo mais no processo da sua beatificação, com uma declaração da Sagrada Congregação de Ritos, de 20 de Junho de 1965. Será a Igreja que dirá a última palavra sobre Isidoro Zorzano, leigo, engenheiro industrial, sócio do Opus Dei.

José Luiz Soria, autor de um perfil biográfico de Isidoro, considera-o um exemplo de um fenômeno ascético e social sem precedentes até o presente momento. “Isidoro era sócio do Opus Dei e esta vocação, a de milhares de homens e mulheres de todo o mundo, firma na história da Igreja um verdadeiro e próprio reconhecimento da chamada dos leigos à santidade. Hoje lêem-se muitas coisas sobre o laicato, baseadas em precedentes mais ou menos remotos, às vezes sem o devido fundamento. A vida de Isidoro não constitui um fato que surge do nada: é a demonstração de que em 1930, data de sua admissão no Opus Dei, era já realidade a existência de um caminho de santificação no meio do mundo, no exercício de qualquer profissão”. (José Luiz Soria, *Un carisma di normalità*, em “Studi Cattolici”, Ano VIII, XI-XII-1964, n. 45).

“O que a ti maravilha, a mim parece razoável.

— Por que foi Deus te procurar no exercício de sua profissão?

Assim procurou os primeiros: Pedro, André, João e Tiago, junto das rêdes; Mateus, sentado à mesa dos impostos...

E (admira-te!) Paulo, em seu afã de acabar com a semente dos cristãos”

Josemaría Escrivá, Caminho, n.º 799.

GRAÇAS OBTIDAS POR SUA INTERCESSÃO

Em janeiro de 1969, após cinco anos de tratamento e sucessivas complicações, meu coração estava pior do que nunca: eu sofria muitas dores anginosas e uma freqüente arritmia. Foi quando o médico, clínico cardiologista, que me assistia, enviou-me ao cirurgião.

Em seu relatório, reportando-se a todos os exames feitos até então e aos eletrocardiogramas tirados, sugeria o clínico a existência, além da estenose mitral que me acompanhava há muitos anos, de uma isquemia, provocada por trombose na coronária, acidente este ocorrido no início de 1967.

Considerando meus antecedentes (eu sofrera uma tuberculose renal), o cirurgião levantou uma nova hipótese: talvez se tratasse de uma miocardite, provocada pelo bacilo da tuberculose. Decidiu realizar um cateterismo (coronariografia).

Advertiu-nos ele, a meu marido e a mim, da importância desse tipo de exame, em que a sonda seria introduzida em minhas artérias, para um exame radiográfico direto da coronária, até o coração: ele definiria a minha doença, daria indicações seguras para a operação cirúrgica; mas era uma intervenção grave.

Eu não tinha escolha, se desejasse, como queria intensamente, curar-me. Marcamos o dia para a intervenção.

Eu estava relativamente calma, atendendo o conselho do médico. Todavia, no momento em que, após uma série de manobras a sonda entrou na artéria, sentindo muita dor, queixei-me ao cirurgião; ele pediu-me calma e que continuasse colaborando: a minha artéria é mais fina do que o normal, e os riscos da intervenção seriam aumentados se eu ficasse nervosa ou me deixasse dominar pelo pânico.

Naquele instante, plenamente consciente, sob a influência da dor, confesso que tive realmente medo de morrer, medo de deixar neste mundo meu marido e meus cinco filhos, ainda tão jovens e dependentes dos cuidados de sua mãe.

Pedi então, ardentemente, que Isidoro intercedesse com os seus merecimentos junto ao Pai, por mim; não pedi para

ficar boa; não pedi para sarar; pedi para não morrer.

Passaram-se quatro dias em que sofri grande indisposição (haviam-me prevenido desse mal estar posterior, mas uma enfermeira me consolara: “A Sra. foi muito bem no exame; quem suporta bem o exame passa mais facilmente pela operação”).

Chegou, assim, o momento em que deveríamos retornar ao hospital para conhecer o diagnóstico e marcar o dia da operação.

Notei, curiosa, que me levantava aquela manhã muito bem disposta, como há vários anos não me sentia igual. Comentei o fato com meu marido e com os meus filhos, antes de sair para a Missa, na qual fui pedir a Deus coragem para enfrentar o que me estivesse reservado.

À tarde, no hospital, a grande surpresa: o médico nos disse, a meu marido e a mim, que o exame, felizmente, fora muito bem feito e a sua conclusão não deixa margem a dúvidas — eu estava boa, não tinha qualquer problema coronário ou no miocárdio; a minha estenose mitral era tão insignificante que ele recomendava: suspensão de todos os medicamentos e que eu levasse vida normal.

Desde então, já fazem dezoito meses, meus remédios estão guardados. Tenho tido a vida de trabalhos, correrias e aflições de toda mãe de família numerosa.

Meus médicos clínicos, do coração e geral, não souberam explicar-me a causa desta mudança; evidentemente, uma auto-sugestão não pode levar a ponto de provocar ou eliminar arritmias cardíacas; não é de molde a fazer surgir e desaparecer esquemias; não pode provocar e cessar as crises cardíacas dolorosas.

Não obstante a falta de explicação médica, eu sei a causa de minha cura. Só não sei como agradecer melhor ao nosso Pai a graça que me foi concedida pela intercessão e pelos merecimentos de Isidoro.

I.M. P.C. — São Paulo — S.P.

ORAÇÃO PARA A DEVOÇÃO PRIVADA

Ó Deus, que enchestes o Vosso Servo Isidoro de tantos tesouros de graça no exercício dos seus deveres profissionais no meio do mundo, fazei que eu saiba também santificar o meu trabalho ordinário e ser apóstolo dos meus amigos e companheiros: dignai-Vos glorificar o Vosso Servo e concedei-me por sua intercessão o favor que vos peço...

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que esta oração não tem qualquer finalidade de culto público e que, na interpretação das graças e da santidade do Servo de Deus, em nada se pretende antecipar o juízo da Santa Igreja.

A quem obtiver graças por intermédio do Servo de Deus, roga-se o favor de enviar uma nota descritiva, incluindo nome, sobrenome e endereço, embora se os guarde incógnitos, se assim o desejar, ao publicar-se nesta Folha a notícia correspondente.

O mesmo endereço pode ser utilizado por quem quiser enviar algum donativo para o processo de Beatificação e Canonização, ou para auxiliar as obras de apostolado em que trabalhou o Servo de Deus.